

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2018-06-08

Deposited version:

Post-print

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Oliveira, J. M. (2017). Dançar primeiro e pensar depois . Problemas de Género: feminismo e a subversão da identidade. 5-15

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Oliveira, J. M. (2017). Dançar primeiro e pensar depois . Problemas de Género: feminismo e a subversão da identidade. 5-15. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Dançar primeiro e pensar depois

Vinte e sete anos após a sua publicação original, a tradução de *Gender Trouble* está finalmente disponível em Portugal. Trata-se de um dos textos mais importantes da teoria feminista, dos estudos de género e da teoria *queer*. Como diz a própria autora no prefácio de 1999, é um texto com muitas vidas e histórias. E, de facto, poucas obras na área dos estudos de género deram origem a tanto debate. Do ponto de vista dos estudos de género e da teoria feminista, a contribuição de *Problemas de Género* representa um verdadeiro tumulto, como lhe chamei noutro texto¹, que adquiriu repercussões globais e mudou radicalmente a maneira como investigadores/as olham para as relações sociais de género. Uma revolução de tal maneira profunda, que ainda não é possível entendê-la em todos os seus efeitos.

Numa das mais claras genealogias críticas à naturalização do sexo, Judith Butler revela o género como figura de fundo de um psíquico que é, sempre e desde logo, social (ver sobretudo o capítulo 2 acerca desta parte). Daí o seu entrosamento com as teorias psicanalíticas naquilo a que chamaríamos um enquadramento psicossocial, em que o psíquico e o social são como uma dobra e não opostos, vidas psíquicas que se desenrolam por referência a um espaço contextual socialmente partilhado. No debate feminista, *Problemas de Género* retira os feminismos da presunção primária da heterossexualidade, da fixidez de género e da sua ancoragem num sexo que o precedeu (mas nunca foi mais do que género), e faz as perguntas necessárias para lançar um programa de análise, questionamento e reproblemática dos feminismos enquanto maneira de fazer política, de perceber quem conta e quem não conta como humano, o que é uma mulher ou quem pode ser uma mulher (ponto de partida do capítulo 1).

Após este texto, as posições identitaristas deixam de ser vistas exclusivamente como grupos a que as pessoas pertencem, mas também como parte de processos políticos, retirando-as do domínio da ontologia e do essencialismo – identidades como ficções políticas, como lhes chama Paul B. Preciado. É como se de uma perda da inocência se tratasse, sobretudo quando movimentos como o feminista ou o LGBT passam a confrontar-se com as «posições subjectivas que entram em conflito, excedem

¹ João Manuel de Oliveira, «Tumultos de género: os efeitos de *Gender Trouble* em Portugal», em *Periódicus*, n.º 3, 2016, pp. 6-18.

e questionam os limites de alcance da representação de cada uma dessas políticas em qualquer dos seus momentos de desenvolvimento»². Exemplos dessas posições são as mulheres e homens trans, pessoas de género não binário, masculinidades *butch* e feminilidades *femme* no feminismo lésbico, pessoas não brancas e de países colonizados.

A obra de Butler posiciona-se, portanto, como uma proposta política interessada em utilizar estes conflitos como produtivos para a emergência de outras polifonias, outras vozes, outras ocupações dos espaços. Em 2016, a autora escreveu também sobre as assembleias de rua e a performatividade do povo³, demonstrando o seu profundo comprometimento em repensar novas formas de esquerda radical e de lutas nestes tempos neoliberais tão complexos. Deste modo, o livro que tem nas mãos pode ser lido como um produto intelectualmente promíscuo e político, parte de uma luta cultural e colectiva para alargar possibilidades de vida.

Problemas de Género apresenta um mundo também marcado pela possibilidade e pela abertura dos géneros⁴ e dos usos dos corpos (ver capítulo 3), no qual Herculine Barbin, Divine e outras singularidades não são apenas curiosidades, como outros autores as pensaram, mas modos de pensar um género vivido e corpóreo. Um género que já não é uma presunção estável e perpétua, mas que implica descontinuidade, instabilidade e paródia, dentro de um quadro normativo. Citação de uma citação, cópia sem original. A crítica do género sem corpo só se pode responder mostrando a inocência do pensamento sobre o corpo.

É certo que a promessa de género encerrada em *Problemas de Género* implica sempre uma norma, que referencia e que nos sujeita, mas admite falhas, projectos improvisados dentro dessa forma matricial de heterossexualidade política e policiada. A teoria da performatividade do género, longe de constituir uma teoria de assunto único e como tal branqueadora sobre o género, indaga-se e detém-se nas intersecções do género com outras modalidades de diferenciação social, como a «raça», a etnicidade, classe, sexualidade, entre outras. Esta proposta do género como performatividade, avançada em *Problemas de Género*, implica não pensar o género como uma escolha que um sujeito

² Pablo Pérez Navarro, *Del texto al sexo: Judith Butler y la performatividad* (Madrid, Editorial Egales, 2008), p. 185.

³ Judith Butler, *Notes towards a performative theory of Assembly* (Cambridge, MA, Harvard University Press, 2016).

⁴ João Manuel de Oliveira, *Desobediências de género* (Salvador, Devires, 2017).

faz, mas antes pensá-lo como a criação de um determinado ser marcado pelo género, que precede os sujeitos e regula os modos como podem fazer o género, o que produz uma série de efeitos ontológicos, entre os quais a própria naturalização do sexo como algo imediatamente óbvio e evidente. Género do princípio ao fim, porque sem as grelhas de leitura do que é género não poderíamos nunca perceber a matéria que o sexo é. Uma condição para que o sexo tenha legibilidade é que ele seja trazido para a existência através do género, e sem essa leitura não seria possível entendê-lo. Género, pois, como performativo, e como tal criador, gerador e legitimador de uma determinada «realidade», que mais não é do que socialmente construída e partilhada.

A reflexão centra-se no género, mas não o entende num vazio social como muita da produção que não integra o pensamento das feministas negras e latino-americanas, não o lê como algo prévio, examinando detalhadamente uma série de pressupostos da teoria feminista tomados por garantidos. Para tal, Butler recorre ao vital questionamento do branqueamento do feminismo e da sua heterossexualização, para esboçar um movimento de crítica ao sujeito feminista mulher e a desconstrução dos efeitos perversos do foco numa ideia única de mulher. Os pressupostos de um patriarcado universal e de um sujeito feminista universal derivam, muitas vezes, das mesmas formas de colonização e ocidentalização de culturas. Assim, *Problemas de Género* é um texto que se alinha com os feminismos pós-coloniais no sentido de questionar a colonialidade do pensamento feminista branco, euro e anglocêntrico, ainda que seja um texto com essa origem. Daí também a vida intensa deste texto, um pouco por todo o mundo. O texto parte de um contexto norte-americano específico, mas fala de questões que são centrais em muitas partes do mundo, como mostra o trabalho de Leandro Colling. Podemos sempre questionar os termos em que determinados debates são feitos, mas isso não lhes retira a possibilidade de nos ajudar a pensar nos nossos contextos. E esse contributo tem vindo a ser uma característica de *Problemas de Género*, um texto que continua estranhamente presente na cultura contemporânea, como uma espécie de fantasma que teima em assombrar-nos e que continua a suscitar problemas – questões que são ao mesmo tempo sarilhos em que nos metemos com os nossos géneros. Trata-se de uma das obras incontornáveis do pensamento feminista e dos estudos de género, sem a qual é impossível perceber o género como é pensado na actualidade.

Problemas de Género é um texto denso, uma viagem que implica uma imersão na filosofia, na literatura, na psicanálise, na teoria social e cultural. O estilo descrito

como labiríntico, frases longas que habitualmente terminam em interrogativas, evoca a resposta de Gayatri Spivak numa entrevista: «Quando me confrontam com a velha crítica – Oh! Spivak, é muito difícil de perceber –, rio-me e digo: OK, vou dar-lhe uma frase monossilábica, só para si, e verá que não podemos ficar por aí. A minha frase monossilábica é: a prosa óbvia engana (*plain prose cheats*).»⁵ *Problemas de Género* é o texto que nos agarrou, a algumas de nós, a um género que é toda uma outra história. Inconcebível, depois de ler, manter a crença na transparência da gramática.

Butler, nesta obra, tão influenciada por Simone de Beauvoir, Michel Foucault e Monique Wittig, cujos trabalhos discute profundamente, é no entanto muito inspirada pela filosofia da linguagem – John Austin, sobretudo na sua concepção de actos de fala, palavras que fazem coisas. Contudo, ao relermos o livro, não é possível evitar deixar de indagar sobre a forte influência de Jacques Derrida, sobretudo pela maneira como transformou os actos de fala em performatividade, já marcados por uma ideia de desconstrução. Assim, um acto performativo não descreve, antes produz a própria situação que diz descrever. Esta concepção da linguagem traduz também uma importante ideia de Derrida, sobejamente conhecida, da inexistência de um fora do texto, porque o texto é sempre con/texto, e inclui as tramas e as teias daquilo a que chamamos vida. Assim também se posiciona Butler, dando sustentação a uma teoria do género que enfatiza o papel da repetição e da citação (recorrendo aos conceitos de citacionalidade e de iterabilidade em Derrida) como formas de produzir expressões de género que são lidas (inteligibilidade) a partir de normas de género.

Dada a profusão de referências teóricas, conceptuais e artísticas, podemos ver neste livro uma intertextualidade, um mosaico de composições e de polifonia entre textos, filmes, literatura, cujos limites de acção desconhecemos. Um intertexto que é performativo, que produz uma série de efeitos pela sua repetição, recusa as ontologias e as trata a partir de uma marca de interrogação, um texto que cumpre a promessa de Teresa de Lauretis sobre o modo como os discursos que desconstroem o género mudam a acção do género. Neste sentido, e se pensarmos nos activismos trans, intersexo e *queer*, nos orgulhos críticos, nos movimentos de boicote à política colonialista e violenta do Estado de Israel contra a Palestina, nas alianças entre movimentos progressistas como o 15M/Indignados e o movimento Occupy, na esquerda global, é

⁵ Sara Danus e Stefan Jonsson, «An Interview with Gayatri Chakravorty Spivak», em *Boundary*, vol. 20, n.º 2, 1993, pp. 24-50.

evidente o contributo deste livro, entre outros, do pensamento da filósofa e da sua implicação com o político.

Este livro mudou a linguagem do activismo e da teoria *queer* e pôs algumas das nossas certezas, as certezas partilhadas, em jogo. Sobre as conclusões e os pressupostos das políticas identitárias, lançou a dúvida, que também podemos chamar de *queer*. Nomeadamente a da concretude do sexo, da realidade auto-evidente de um corpo que é corpo significado, das superfícies e limites do corpo como absolutos. Habitar um corpo implica não só uma materialidade, condições materiais de existência, mas também habitares, significações, ressignificações. Não há significações e inteligibilidades produzidas sobre um vazio. Reconhecimento e materialidade não se opõem, mas não existem uma sem a outra, e, se as quisermos posicionar nos termos em que Donna Haraway as coloca, tratam-se de actores materiais-semióticos. É possível pensar que os tempos que se seguiriam mudaram também em função do horizonte de possibilidade que este livro abre, onde a singularidade transgride quotidianamente as leis da física. Da singularidade de *Problemas de Género* surge uma nova maneira de pensar o político.

Obra próxima de um espírito espinosista, na qual os corpos incitam outros corpos a viver, *Problemas de Género* é um dos livros mais importantes da minha vida. Mudou tudo na maneira como penso sobre o género, mudou o meu modo de olhar para o género, também influenciado pela dança e arte contemporânea, com as quais muito aprendi sobre género. Assim, em vez de um prefácio, teria preferido um ecrã ou um palco onde as múltiplas reminiscências e rizomas desta obra se apresentassem. Francisco Camacho, Meg Stuart, Carlota Lagido, Vera Mantero. As performances de Miguel Bonneville. O cinema, as artes visuais, Jeff Wall, as máquinas de Rebecca Horn, as fotos de Nan Goldin e Cindy Sherman. As mil e uma Marianas das *Novas Cartas Portuguesas* que pariram o nosso feminismo. Paula Rego e os seus contos infantis com fantasmas dentro. A poesia de Ricardo Domeneck, Ana Luísa Amaral e Angélica Freitas. Vaiapraia e as Rainhas do Baile: «Eu sou um coelhinho quando tu olhas para mim, quero saltar e rebolar para dentro de ti.»

A tradução portuguesa chega 27 anos depois. A história dos estudos de género, que em Portugal começaram apenas no final dos anos 1980, ajuda a entender esta chegada tardia. Como mostra Lúcia Amâncio, a invisibilidade do feminismo durante o Estado Novo, a fraca escolarização da população, e em particular das mulheres, e o desenvolvimento recente das ciências sociais e humanidades representam algumas das dificuldades que o conceito de género encontrou na integração no discurso da

investigação social. Além disso, como mostro mais detalhadamente em *Tumultos de Género*, há ainda a assinalar a enorme resistência das ciências sociais portuguesas à discussão sobre modelos críticos como os pós-estruturalistas onde *Problemas de Género* se insere. Em Portugal, não temos departamentos de estudos de género e somos assim forçadas a negociar com as disciplinas de origem uma série de dimensões, como o estatuto epistémico, as práticas metodológicas e a disseminação desejada. Esta dimensão ajuda a perceber a dificuldade e a demora em traduzir a obra.

Contudo, desde 1997, as reflexões de Judith Butler foram introduzidas em Portugal pela psicologia feminista, nas mãos de Conceição Nogueira, por via da sua tese de doutoramento. A recepção da obra começa a notar-se de forma mais evidente a seguir, com a importação de algumas críticas e resistências, com os habituais argumentos da fragmentação do sujeito mulher e dos efeitos que isso pudesse ter a nível dos feminismos. No entanto, aponta a filósofa Teresa Joaquim, a relevância desta teoria para pensar o que conta como humano e quem pode ser lido como tal – um percurso que Judith Butler iria fazer nos seus livros mais recentes. Em Portugal, também ecoa a crítica de uma certa descorporalização da teoria da performatividade que alguns trabalhos apontaram no estrangeiro, vendo na performatividade uma teoria praticamente racionalista do género, por raramente se deterem no debate aprofundado que Butler faz no seu capítulo 3, sobre as fronteiras e superfícies do corpo, interior/exterior e fronteiras, como se o género nesta teoria não tivesse em consideração o corpo. Na realidade, o corpo é crucial e parte integrante da produção das inteligibilidades de género, e a autora vai dedicar importante reflexão sobre isso em *Bodies that Matter*. Também é por vezes prevalente, para Butler, a ideia de que o género é uma espécie de acto voluntarista, maneira quase consumista de o usar. A autora reflecte sobre isto no prefácio de 1999.

Defendo que é na dança contemporânea que se notam os primeiros efeitos de *Problemas de Género* em Portugal. Uma reinvenção da dança no nosso país, feita por artistas como Vera Mantero, Francisco Camacho, Carlota Lagido, Miguel Pereira e João Fiadeiro, entre outras e outros. Artistas que levaram a sério uma problematização sobre os corpos que traduzisse a situação portuguesa, pensar um corpo entre mundos, um país sempre coarctado entre modernidade e tradição, colonizador e colonizado, entre Próspero e Caliban, como lhe chama Boaventura de Sousa Santos. Esta preocupação é notória nos primeiros trabalhos destas/es artistas. Um corpo permanentemente questionado, deslegitimado, desconstituído. Lembremo-nos de *O Rei no Exílio*, peça de

Camacho de 1991, em que a masculinidade em ruínas era a ruína do Império. Esta autobiografia do país contada nos corpos é muito próxima da ideia de Butler de um psíquico que está em dobra com o social, que o transcreve e o traduz, ainda que de outras maneiras. Ou em *Olympia*, onde Vera Mantero, reapropriando-se da obra homónima de Manet, a ressignifica e devolve o texto e o olhar ao público ao invés de apenas se mostrar. Uma paródia butleriana?

Como mostrei em *Tumultos de Género, Nossa Senhora das Flores*, de Francisco Camacho, estreada em 1993 no Teatro Nacional D. Maria II, denota pela primeira vez em Portugal a concepção do género enquanto performatividade. A peça, cujo título (e nada mais) decorre do texto de Jean Genet, recorre às inteligibilidades do masculino e do feminino, evidenciando uma experiência de falha. A peça mostra o logro do género numa paródia do mesmo. O recurso ao figurino-cenário, criado por Carlota Lagido, permite-nos pensar numa monja, convidando-nos a uma leitura intertextual com Mariana Alcoforado e as Três Marias das *Novas Cartas Portuguesas*, esse momento inaugural dos feminismos portugueses. Esta estranha genealogia que mistura a dança contemporânea com a literatura e com *Problemas de Género* permite mostrar como o género em Portugal, antes de começar a ser pensado nas universidades, já andava nos palcos da dança contemporânea, preocupados em repensar um corpo e em fazer géneros.

Significa isto que, no nosso país, o género se dançou primeiro para se pensar depois (e parafraseio o título da peça de Vera Mantero, *Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois*, intertexto de Beckett). Fazer o género implica também dançar, performar, fazer, por vezes em coreografias falhadas e pouco conseguidas, outras vezes improvisações. O debate começou na dança, que já nos deu tanta coisa, e pouca soubemos ver. Só depois tivemos implantação dos estudos de género e feministas. Nasceram depois os estudos *queer*, que rapidamente se envolvem com os estudos feministas e de género, de forma cada vez mais desobediente. Não reitero teses de atraso, tão fácil e acriticamente aplicadas. Aliás, se a dançámos primeiro, é um muito promissor e auspicioso início. *Problemas de Género* é também uma maneira de dançar. Convido-vos para essa dança dos géneros que Judith Butler apresenta.

JOÃO MANUEL DE OLIVEIRA